

# O ALGARVE

FARO, 23 DE JULHO DE 1922

DIÁRIO INDEPENDENTE  
DIRECTOR-EDITOR  
FERREIRA DA SILVA  
Redacção, administração, composição  
Impressão, Rua de Alportel, 23, 27  
Endereço telegraphico  
ALGHARB—Faro

Decidamo-nos sempre pelas opiniões moderadas porque, em moral, tudo o que é extremo é quasi sempre vicioso.

Descartes

## CESTIA DA VIDA

### Ecoss da semana Providencias!!!

## Impressões de Lisboa

## Um assassino

## VIDA DESPORTIVA MATCH Carpentier-Dempsey

...cada vez que se aumentam impostos ha uma grande devaluacao do escudo. E' uma prova de que a materia colectavel está cada vez mais escassa e que as dificuldades para serem aprovadas as propostas de financiamento, o escudo baixará e torna-se ha muito mais difficil pagar mais d'esse dinheiro. Para desorientar a opinião e incidir em diversos elementos da carestia da vida: os retalhistas, são os comerciantes por grosso e esquecem-se de cobrar e do calçar e não se diz a causa maxima está na circumscriçao cada vez maior, das importações de comestiveis, principalmente o trigo, nos últimos meses maiores, em não se fazer serio nas facilidades da circulação e nos salarios cada vez mais caros. Quem exerce uma profissão qualquer procura ir aumentando os seus honorarios para compensar o custo das cousas e isto dá um circulo vicioso, ou uma espiral que nos vae levando sempre. Os vencimentos aumentam e os fornecedores não que isso é para pagar o custo das cousas, os bancos fazem sacrificios para manterem o cambio artificialmente, o cambio segura-se por meios, mas depois? Os salarios duplicaram do ano para cá. Como se poderá pagar pelo mesmo? O capital não criticado já foi reduzido a 1/11 ou 1/12 avos do que d'antes tinha. Nos prazos de tempo tem-se dado nos argumentos antigos as mesmas respostas. Aquelles que falam por sua conveniencia não cedem nada e recebem na mesma proporção. Muito capital para o espirito quando se disse no parlamento que se ia buscar onde se encontrasse. Esse capital que em vez de diminuir aumentou, volta a ser logo que a situação melhora. Não é ponto de duvida se o melhor haver numerario no mercado pronto a voltar, ou talvez com 11/12 de depreciacao? Como se pôde proibir a saída de capital para o Brazil quando nos vem todos os anos milhares de contos?

...grandes impostos, vida cara. Os governos não tiveram força de resistir aos novos ricos como se foram outros paizes; e sacrificam a produçao como se ha-de fazer. A miseria do imposto bate a porta das portas. O que urge fazer? Simplificar as propostas de fazenda, velar para que ninguém pague mais do que razoavelmente deve pagar, e abster-se nos generos de primeira necessidade que afectam o vestir e calçar modestamente.

...Os objectos de luxo deixal-os ao preço á sua vontade! E as cousas que já temos dito, depois arrendar os T.M.E. o P.L.C.F.E. e talvez os S.T.P.

Nas ultimas duas semanas, só por se falar num aumento de subvencões ao funcionalismo, subvencões já devoradas pelo respeitavel agricultor, ainda antes de concedidas, o pão, o vinho, o peixe, o sabão, batatas, bacalhau, carvão e lenha, etc. tiveram um acrescimo superior a 20%!

A sardinha, em Faro, terra do peixe, chegou a 800 reis a duzia! Para se manter este preço, lança-se no mar grande quantidade do saboroso peixe — ouróra peixe dos pobres.

Ainda não ha muito, legal ou ilegalmente, havia em Faro quem se preocupasse com este estado de coisas procurando, e não poucas vezes conseguindo apurar as unhas rapaces aos fabricantes da fome...

Em Lisboa, existem armazens reguladores de preços de generos de toda o especie e de peixe. No Porto a Camara Municipal resolveu municipalisar a carne, atentos os abusos praticados pelos marchantes. Em Faro, é o que se vê! O celeiro municipal não passa dum mito, estando, ao que se diz, a verba que o governo pôz á disposição da camara para o giro do celeiro — a rende juros no banco!

Não pertencemos ao pequeno numero dos que acreditam que o problema das subsistencias se resolve com a criação de armazens reguladores, embora eles algo favoreçam os pobres mas, não julgamos prudente a indiferença por parte das autoridades a quem cabe coibir abusos, ante o verdadeiro assalto que se está fazendo á bolsa dos habitantes desta antigamente feita cidade — a não ser que haja verdadeiro empenho de lançar em revoluções e campanhas as chamadas classes remediadas...

Se é esse o fim visado — achamos bem. Estão elas mais perto disso do que se imagina.

### O poço de S. Pedro

Lembramos á Camara a necessidade de mandar proceder á limpeza do poço de S. Pedro, que por occasião da feira esteve quasi esgotado, entrando n'ele a servir de baldes vasilhas de todos os feitios e que a outros usos se destinavam...

E' do poço de S. Pedro que uma grande parte da população destes sitios se abastece de agua para o seu consumo, e de extrair a água que a camara ainda não tivesse tido o ensejo para o mandar cobrir, pondo lhe bombas.

### Destelxo

Por mais de uma vez temos chamado a atenção da camara para a conveniencia de mandar prolongar um collector que corre paralelo aos predios do lado norte do largo do Poço de S. Pedro, para evitar as constantes reclamações dos moradores daquela parte do largo, que são permanentemente incomodados com o cheiro perturbantil da valeta, que sem corrente nenhuma está sempre a transbordar imundicie.

Por esta epoca do ano passado prometeu a camara satisfazer as justas reclamações dos moradores dos predios vizinhos da imunda valeta, mas a camara esqueceu-se e apesar de haver entre esses moradores quem se prolicasse a contribuir com uma quota parte das despesas da construcção do collector que terá quando muito vinte metros de extensao.

Feita esta advertencia aos descuidados e esquecidos e disfarçados, esperamos agora o inicio da pequena obra que evita um grande mal a saúde publica.

JOSE FILIPE ALVARES  
ESPECIALISTA  
— E M —  
doenças de olhos

**Diz o Noticias:** que por causa dos processos usados pela guarda fiscal na febre de caçar multas, somos chamados no estrangeiro: um povo de selvagens.

O que eles não são capazes de vêr é a pouca vergonha do contrabando que todos os dias se exerce por essas fronteiras.

**Os funcionarios** vão ter aumento de vencimento.

Repara a bolsa, contribuinte.

**O orgão dos serviços** reclama com energia a abolição da gorjeta.

Estamos d'accordo, mas, a proposito, ocorre nos esta pergunta: porque será que descejo os creados abolir a tradicional «gorjeta» se manifestam muito ofendidos e por vezes, até, muito indelicados, quando do lha não damos?

**Vá lá mais um caso** para historia dos nossos tempos. O juiz do celebre tribunal de defeza social, porque não desejava solidarisar-se com os vogais na condenação dum bombista, voltou-se para este, exclamando:

*O senhor é condenado porque os meus colegas assim o quiseram; eu assim vencido.*

Porque destas e doutras... é que foi possível o 19 d'Outubro. Felizmente que o governo teve um bom gesto: demitiu o juiz em questão.

**Manoel Ribeiro** que se estreara na prosa, com successo, pelo seu livro *A Catedral*, que tanto ruido provocou, deu-nos agora a continuação daquele romance com um outro intitulado *O Deserto*. A não do não temos, mas dizemos não desmerecer dos creditos adquiridos pelo autor.

Trata se tambem duma obra de largo alcance moral, social e espiritual.

**Agita-se novamente** no Parlamento, nos jornais e nas ruas.

### HA 44 ANOS

O «O Districto de Faro» de 18 de julho de 1878

O nosso estudioso patricio sr. Francisco dos Reis Stromp, filho do honrado industrial d'esta cidade sr. João dos Reis Lopes Stromp, fez ultimamente em Lisboa os seus exames de chimica organica e de zoologia, ficando em ambos eprovado com distincção.

— Acham-se nas Caldas de Monchique a banhos e a tomar agua ferrea os srs. bacharel Manuel Joaquim de Almeida, Antonio Pereira de Mattos, seus dois filhinhos, e Francisco Nicolau Canivari, desta cidade.

**Letras.**—No sabado representouse, com muito agrado dos habitues d'estes theatros, o espectáculo que annunciaramos no nos-o ultimo numero. A mimosa comedia de Pinheiro Chagas, *A roca de Hercules* foi perfeitamente interpretada pelo nosso amigo José D.ogo Crispin e pela fermosa e inteligente atriz Albertina.

—Fez acto do 4.º ano da faculdade de direito, e tomou o grau de bacharel, o sr. Joaquim José Coelho de Carvalho, Junior, que na sexta-feira esteve n'esta cidade, de passagem para sua casa, em Lagos.

**Produção agricola**

O praso para o manifesto de trigo, centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro e cortica começou em 1 do corrente e termina em 15 de setembro.

Em poder dos regedores e na secretaria da Administração do Concelho, fornecem-se impressos para esse fim.

niões politicas, as estafadas questões africanas, agora aumentadas com os casos passados em Cabo Verde.

Atinal anda tudo á roda do mesmo tema: o eterno egoismo dos homens que fazem tantos negocios de peles... com pretos dentro.

**Diz um pasquim de propaganda** ao orgão bolchevista em Lisboa, que manter o supracitado orgão é manter nos «A nós próprios».

*A nós próprios*, virgula. A nós próprios, que viveis da ignorancia e da cegueira dos pobres de espirito que vão atraz das vossas leiras, e á custa de quem passaes vida regalada. Assim é que está certo; certissimo até.

**O governo está firme.**

Pudera, se ele tem uma siba que o prende... e que prende!

**Os assassinos de Wilson** acabam de ser condenados á morte.

... donde se pro-a que para fazer justiça ainda não ha como a Inglaterra.

*Dura lex, sed lex.*

**Parece assente** que um dos candidatos á presidencia da republica será o sr. Bernardino Machado.

Já é...

**Os ares politicos** estão-se turvando. Daqui a uma borrasca pouco poderá tardar.

E pode ser tambem que tudo fique... em familia.

O sr. Antonio Maria da Silva tem para estas coisas um excelente feitio: não se amofina e tem força de vontade. Isto, que é muito em qualquer de nós, é preciosissimo num homem publico.

**Foi dissolvido** o tribunal de defeza social. Parabens á «Batalha» e aos seus amigos.

### Licenças de porte d'armas

Todos os individuos que pretendam tirar licença de uso de porte d'armas de fogo, tem de apresentar nas administrações dos concelhos atestado passado pela autoridade policial do concelho onde o pretendente tenha residido nos ultimos trez anos, bem como tem de indicar, com precisão, a qualidade da arma, marca da fabrica e o numero respectivo.

Serão apreendidas as armas cuja licença não satisfaça as supracitadas condições.

### Noticias diversas

Em vista da grande falta de casas na provincia da Guiné, para alojar os funcionarios, o respectivo governador pediu a aprovação de um credito especial para a compra de edificios e terrenos para construcção.

Na terceira conservatorio do registro civil de Lisboa foi apresentado para registro uma criança a quem os paes pretendiam dar o nome de Lenine. O funcionario recusou-se a atender o pedido com o fundamento de que Lenine não era nome do calendario ou historico.

Mais uma vez o sr. ministro do interior telegrafou a todos os governadores civis, determinando-lhes que dessem instruções aos administradores de concelho para exercerem uma repressão energica contra o jogo.

Quando o falecido visconde de Serpa Pinto, governou a provincia de Cabo Verde existia, na Residencia, um boi que dava pelo nome de «Cosinheiro» destinado á conducção da agua necessaria.

O bicho era bravissimo, e sempre que se soltava, praticava tropelias que originavam inumeras queixas e pedidos de indemnisações que muito aborreciam o governador.

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser palaciano porque usava botas de duas solas, apesar de se tratar dum grande amigo do Rei, dirigiu um telegrama, muito energico, a Serpa Pinto, ordenando-lhe que informasse immediata e claramente o que se tinha passado com o cosinheiro—cuja morte a imprensa verberava com rancor.

Serpa Pinto, que certamente estivera a chuchar quando expediu o primeiro telegrama, fingiu-se surpreendido dizendo que não percebia a razão dos telegramas e muito menos da companhia levantada na imprensa, tratando-se dum boi que, quando muito, valeria dez mil reis, com os quaes ia já entrar nos cofres da fazenda—apesar de ter mandado distribuir a carne por estabelecimentos do Estado!...

Calcule-se o ridiculo!

O deputado não mais pediu explicações e a imprensa, fugidamente, na 4.ª pagina, em letra miudinha desmentiu, *pormenorizadamente*, o assassinato, ocupando muito menos espaço com o desmentido, do que aquele que dispensara aos sub-titulos das locaes anteriores...

E, como estes, quantos escandalos frequentemente vemos explorados na imprensa!!!

Faro, Julho de 1922

Um dia, já pela quarta ou quinta vez, durante o governo de Serpa Pinto, o boi soltou-se e preparava-se para as diabruras do costume quando o governador, já feito de as aturar, da propria janela do Palácio o prostrou com um tiro de espingarda.

Um rato de bom gosto, telegrafou logo para a imprensa de Lisboa: «Governador matou Cosinheiro».

A imprensa, sempre ávida de assunto, noticiou o nefando caso, em grossa parangona e no parlamento, um deputado que até aí se fizera ouvir calado, interpelou o então ministro do ultramar, Dias Costa, se bem me parece, sobre o assassinato noticiado pelos jornaes.

Respondeu o ministro, que não tinha o menor conhecimento do caso, a não ser pelos jornaes, pois de Cabo Verde nada lhe havia sido dito.

O deputado chasqueou o ministro, perguntando se ele pretendia que o governador se accusasse a si proprio, quasi que pediu a cabeça do glorioso explorador e, ao cabo da sua catildaria, recebeu a promessa do ministro de que telegrafaria para Cabo Verde, comunicando depois o que tivesse havido.

Efectivamente, o ministro, telegrafou: «Diga o que ha sobre a morte do cosinheiro», recebendo poucas horas decorridas, a seguinte resposta: «Incomodava me, mais...».

O telegrama transpirou, como transpira tudo o que tem importancia, e a imprensa começou uma campanha contra a nenhuma seleção com que se escolhiam os governadores para o ultramar, inconveniencia de se collocarem militares sempre despoiticos, a testa de governos, aludiu ao favoritismo por D. Carlos dispensando a Serpa Pinto, etc. No parlamento, de novo, o ministro foi interpellado, respondendo, contudo, que era falsa a informação prestada á imprensa, pois ainda não recebera resposta—pela qual ia insistir...

De novo, mesmo do parlamento, o ministro, que se jactava anos depois, de não ser

NOTICIAS PESSOAS

Retirou para Lisboa o capitão sr. Alberto Moraes, sua esposa e D. Maria Augusta Moreno Alves de Moraes e seus filhinhos.
Com pouca demora esteve em Lisboa o sr. João Monteiro Mascarenhas.
Partiram para a Praia da Rocha o sr. dr. Pavão Leal e sua família.
Regressou da Curia a sr.ª D. Antonia Palma Velho, de Portimão.
Esteve nesta cidade o sr. Sebastião Garcia, de Silves.
De passagem esteve em Faro o comerciante de Lisboa sr. Joaquim Ramalheite.
Esteve em Lisboa o sr. Belchior Martins Galego, desta cidade.
De visita a seus avós, os condes do Cabo de Santa Maria, está em Faro o sr. Ventura Coelho de Vilhena junior.
Tem estado doente a sr.ª D. Maria Silveira, esposa do sr. Mathes Joaquim da Silveira.
Regressou de Vidago a sua casa em Monchique, acompanhado de suas filhas, o proprietario daquela vila sr. João Gregorio Figueiredo Mascarenhas.
Retiram hoje para Vendas Novas o sr. dr. Manoel Bairrão e sua filha sr.ª D. Florinda Roxo Bairrão, que ha alguns dias se encontram nesta cidade.
Com bom aproveitamento nos seus estudos, chegou ontem de Lisboa, o menino Artur, filho do nosso colega Ferreira da Silva. Veio acompanhado pelo nesso amigo sr. Armelino Rodrigues, funcionario da inspecção telegrafica.
Com sua esposa e cunhada regressou de Lisboa o comerciante desta cidade sr. Manoel Joaquim Marum.
Com sua familia encontra-se na Praia da Rocha o sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.
Está em Faro com sua filha-da, a sr.ª D. Maria Elisa Vivalco Ferreira, de Albufeira.
Chegarão de Lisboa na sexta feira os estudantes Francisco Martins Fernandes e José Francisco Macheira.
No gozo de licença está em Faro a professora oficial das Alcaçovas, sr.ª D. Maria Luza Mathes esposa do sr. Francisco Pereira Mathes.
Com seus filhos que se acham internados no Colégio Arriaga regressou de Lisboa o sr. Anibal da Fonseca Alexandre.
Está em Lagos com sua familia o deputado sr. coronel Esteyão Aguiar.
Foram a Lisboa os srs. Antonio Pereira Cruz de Lagos e José Pearce de Azevedo de Portimão.
Retirou para Lisboa o sr. Ildelfonso Ortigão Peres, director da repartição de contabilidade do ministerio do trabalho.

Nossa Senhora do Carmo

Com a costumada pompa realizou-se no dia 16 a festa em honra de N. S. do Carmo, nesta cidade, constando de missa solene cantada pelo gentilissimo grupo de senhoras que, como prenoiciámos, piedosamente se prestou a abrinhar com os seus belissimos canções os diversos actos do culto realizados no dia da festa de N. S. do Carmo e da novera que a precedeu.
Não ha louvores que bastem para apreciar condignamente toda a admiravel imponencia que as distintas senhoras da sociedade farense imprimem com o seu valiosissimo concurso a estas festas de religiosidade e arte com que tanto estão contribuindo para a educação do sentimento dos seus conteraneos.
Para tão magnificos resultados muito contribuem tambem, diga-se em homenagem a justiça, as primorosas qualidades esteticas e musicas da distinctissima regente do simpático e gentil grupo de senhoras e as incontestaveis aptidões dos seus obsequiosos e intelligentes auxiliares, a todos os quaes a Ordem Terceira de N. S. do Carmo se confessa sumamente reconhecida.
As senhoras que compõem o grupo que a seu cargo tomou a execução do canto são, alem da sua talentosa e já consagrada regente, D. Marilde de Miranda, as seguintes:
D. Maria Izabel Arouca Assis, D. Maria da Conceição Arouca Assis, D. Maria Francisca Sanches Ingles, D. Maria Tereza Ingles, D. Adelia Barros, D. Adelaide da Silveira Borges, D. Inez e D. Conceição Vilhena de Sampaio, D. Rachel Carneiro, D. Ana Carneiro, D. Maria de Lourdes Pires Viegas, D. Basilisa Silva, D. Silvina Agueda Davim, D. Olimpia Agueda Davim e D. Clara Barros (organista) compoem a orquestra os distintos amadores de musica: D. Judith Freire, José Cortes Ferreira, de Souza Francisco do Carmo Sousa, Francisco Manoel Dias e Fernando Para zo.
Durante as noites de 15, 16 e 17 deu magnificos concertos no Largo do Carmo a afamada banda de infantaria 4, desta cidade, que foi alvo de bastos applausos da assistencia que era numerosissima, apesar do tempo desabrido e agreste que fez.
Tambem durante as noites de festa houve kermesse para aquisição de mobiliario para o sumptuoso templo do Carmo e outras obras de beneficencia, tendo sido sorteadas belissimas e valiosas prendas oferecidas, cuja relação publicaremos no proximo numero.
A feira esteve enormemente concorrida e animada fazendo-se importantes transacções principalmente em gado que atingiu bons preços.

Peregrinação a Lourdes

O sr. ministro do interior, em virtude de um novo requerimento do sr. Arcebispo de Milhene, ponderando varias razes, autorizou a despeza de passaportes ou quaes quer outros documentos aos catholicos que queiram ir na peregrinação a Lourdes, revogando assim o seu priorem despacho.

Banco Nacional Ultramarino Filial de Faro

Condições para o fornecimento de 1 lote de madeira para o edificio da Filial em construção

- 1.ª - As madeiras a fornecer devem ser de fibras direitas e unidas, de bom corte, bem cerneiras, não ardidas nem cardidas ou carunchosas, sem tendas que comprometam a sua duração ou resistencia e com cerca de um ano de cortadas.
2.ª - As madeiras deverão ter aresta viva e serão de pinho proveniente das Mattas Nacionais.
3.ª - Todos os materiaes que não satisfaçam as condições impostas serão rejeitados, retirados por conta do concorrente e, dentro do prazo fixado, substituidos por outros, sem direito a qualquer indemnisação.
4.ª - As propostas deverão ser apresentadas até ás 14 horas do dia 31 do corrente, dia em que se procederá á abertura das cartas, não se tomando em consideração aquelas que forem recebidas mais tarde, salvo motivo justificado e independente da vontade do concorrente.
5.ª - Os materiaes ou a respectiva senha do caminho de ferro, deverão ser entregues 60 dias depois da data da carta indicando que foi aceite a proposta.
6.ª - O concorrente a quem for entregue o fornecimento depositará, como garantia do cumprimento do contracto, 10 por cento da importancia do fornecimento, que serão retidos nos cofres do Banco até á liquidação, a qual se fará 30 dias depois da entrega completa do material.
7.ª - As propostas devem indicar o preço dos materiaes postos no local da obra. Para os concorrentes de fora de Faro o Banco encarega-se do transporte desde a estação do caminho de ferro, deduzindo no acto do pagamento, todas as despesas originadas com o mesmo.
8.ª - O concorrente a quem for entregue o fornecimento pagará 25000 por cada dia, alem do prazo estipulado, que demorar a entrega dos materiaes.
9.ª - Para que as propostas possam ser aceites torna-se necessario que o concorrente declare na mesma que aceita todas as condições do concurso.

A descripção dos materiaes a fornecer encontra-se patente na-Filial do Banco, sta na Avenida da Republica n.º 130. Faro, 22 de julho de 1922.

Banco Nacional Ultramarino Filial de Faro

O GERENTE, (a) A. Alves Diniz

Revogação de mandato

Paulo Cumano, casado, tenente de infantaria, morador em Lisboa, na rua 20 de Abril, n.º 67, segundo direito, declara para os devidos efectos que a seu requerimento foi revogado o mandato que para venda de bens imobiliares e outros fins, conferiu a sua irmã D. Maria Victoria Cumano, moradora nesta cidade de Faro, na rua de Santo Antonio, Casa Paris, por procuração de 15 de dezembro de 1921 registada sob o numero 785 no livro respectivo do notario Maia Mendes, da cidade de Lisboa, bem como o substabelecimento da procuração que a ele declarante havia conferido a sua esposa, a qual se acha registada no cartorio do notario Ludovico das Caldas da Rainha, tendo a referida revogação sido notificada em 11 do corrente mez, mediante despacho do Meritissimo juiz de Direito desta comarca. Faro, 12 de julho de 1922.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

6.ª Secção de Via e Obras

Anuncio

Fez-se publico que pelas 14 horas do dia 25 de Julho do corrente ano, se põe em praça a venda dos figos pendentes do arvoredo da 6.ª Secção de Via e obras, ou seja o troço de linha compreendido entre as estações de Funes a Vila Rial de Santo Antonio. A base licitativa é de 80800 e a differença de cada lance oferecido não será inferior a 1500. As condições desta praça estão patentes na secretaria da 6.ª Secção de Via e Obras, em Faro todos os dias uteis das 11 ás 17 horas. Faro, 8 de Julho de 1922. O Engenheiro Auxiliar Chefe da Secção de Via e Obras. A. Sousa

Dactilografado Devidamente habilitado em Portugues e parte francez. Não discute ordenado, carta a esta redacção ás iniciais F. D.

Perderam se

8 chaves pequenas n.uma argola e dão-se alviçaras a que as entregarem na rua Rebelo da Silva n.º 55—FARO

Vinhos-Sardinhas

Portuguez estabelecido em França dispondo de numerosa clientela, de passagem em Portugal, aceita toda a proposta de representação. Visitará para propostas serias. Carta a Rua do Arco Bandeira 115, r.º—LISBOA.

Nossa Senhora das Victorias

A CLASSE MARITIMA DE FARO : FESTEJA A SUA PADROEIRA

Na igreja paroquial de S. Pedro celebra-se hoje a festa a N. S. das Victorias, havendo sermão por um dos mais afamados pregadores da provincia. A tarde sae da mesma igreja a procissão, percorrendo o itinerario do costume no conce da qual toca a filarmónica Marçal Pacheco, de Loulé. A noite ha arraial e fogos de artifício, tocando nam coreto levantado no largo de S. Pedro, escolhidas peças do seu repertorio a mesma harmonica. Estas festas são feitas pela classe maritima de Faro em honra da sua padroeira, N. S. das Victorias.

NECROLOGIA

Em seguida a uma dolorosa operação a que se submeteu faleceu em Lisboa a sr.ª D. Iria Davim Vidal de Melo, viuva do antigo notario Eduardo de Melo Ribeiro Pinto, irmã do nosso amigo sr. dr. Rodrigues Davim e cunhada dos falecidos conselheiros Alcano de Melo, antigo director geral do Ministerio da Justiça e Joaquim de Melo Ribeiro Pinto, juiz do Supremo Tribunal e antigo juiz de direito desta comarca. A toda a familia enlutada e especialmente ao sr. dr. Rodrigues Davim, sua esposa e filhas apresentamos os nossos cumprimentos de pezames.

Empregado com bastante pratica de escritorio, ofereço, nesta redacção se diz.

Viajante oferece. Percorrendo o Algarve. Dirigir a esta redacção.

de campeão do Algarve, amador o Sr. Jeronimo Santos, aluno de Reis Costa, e Pacheco aluno de Manuel Guita.

Alem deste combate, o sr. Reis Costa fará uma demonstração com o seu aluno Marques, e Brito Cabçadas jogará contra Luiz Moreira, ambos alunos de Costa.

Lisboa.

O novo combate Ruivo—Crespo parece que se realizará em Agosto.

No campeonato de tennis organizado pelo Club de Santa Maria, o Sr. Pinto Coelho venceu o sr. Antonio Casanova pelo que ficou considerado o melhor tennis das nacional.

Estrangeiro

Foi assinado o encontro Jack Dempsey—Harris Wills, para o titulo de Campeão do mundo.

Que fará Dempsey, o vencedor de Carpentier, em frente do terrivel negro?..

Eugene Criqui, vencendo Arthur Wins, apderou se do titulo de Campeo da Europa. Já repouso Duzee o campeão do mundo dos leves, estando disposto a enfrentar-lo mesmo na America.

Nos campeonatos de natações organizados em Paris, mll, Julietta Cardelle foi a vencedora da prova dos 1.000 metros gastando 26" e 20".

Pernot fez os 400 metros livres em 7" e 45", fazendo o melhor tempo.

Manoel Neves

Ajudante de farmacia precisa-se. Tratar com Dr. Miguel Ortigão.

VERISSIMO L.

Avenida da Republica

FARO

Grande stock de papelaria, perfumaria

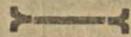
artigos de escritorio e arte aplicada

VIDROS E CRISTAES

NACIONAES E ESTRANGEIROS

Galçado ao preço das fabricas

VENDAS POR GROSSO E RETALHO



Ferragens, drog is, ferramentas industriaes e agricola Arma ferra ferro e tubaria

Artigos parzen dea a e artigos de pesca

Oleos de lubrificação, oleos para automoto

Fabrica de Conserva de Peixe

—EM—

QUARTEIRA

PRONTA A FUNCIONAR

VENDEM

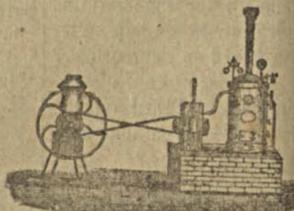
FRANCISCO MARTINS CAIA & C.º

FARO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

J. ALMEIDA & C.ª L. DA

Construção de aereos-motores para tirar agua com bomba ou fazer mover engenhos.



Bombas de todos os sistemas Engenhos para noras

Reparações em maquinas, motoras e automoveis

OLDADURA AUTOGENIA

Portões e gradeamentos dos mais antigos e modernos desenhos

Execução perfeita e rapida de todos os trabalhos

Importação de maquinas para todos os fins

Venda de carvão e ferro aos melhores preços

11-Rua de Loulé-11

FARO